

5 Entre Mundos



2023

Fundação Cultural
de Palmas

PREFEITURA
PALMAS
A CAPITAL DE TODOS OS TOCANTINENSES

5 Entre Mundos



Rosana Rodrigues Almeida, Whisllay Junior, Vaníus Girodo Brito, Rafaella Estrela Batista Leite, Diolema Ferreira Gomes

5 Entre Mundos

Ilustradores:
Guilherme Ferreira dos Santos,
Carmem Susy Kawamura e
Ana Clara Sappelli Vieira

Palmas , Tocantins | 2023

Ficha Técnica

Realização

Fundação Cultural de Palmas

Presidente

Giovanni Assis

Coordenação

Arabelle Hadife

Revisão de texto

Gislene Camargos

Normatização

Maria Paixão F. Souza e Aline Martins

Diagramação e Identidade Visual

Ana Bernhard

Edição de Imagem

Junior Suzuki

Ilustradores

Professora Responsável – Giorgia Barreto; Guilherme Ferreira dos Santos (A Montanha Azul e A Sombra); Carmem Susy Kawamura (Os Girassóis de Bianca e Aventura em Marte); Ana Clara Sappelli Vieira (A Floresta Encantada)

C574 5 entre mundos [livro eletrônico] / Rosana Rodrigues Almeida [... et al.]; ilustrações de Guilherme Ferreira dos Santos, Carmem Suzy Kawamura, Ana Clara S.Vieira; Hadife,Arabelle (coord.) – Palmas : Fundação Cultural de Palmas, 2023.
39 p. : il.

Disponível em <<https://www.curtapalmas.com.>>
ISBN 978-65-85545-00-6

1.Literatura infanto-juvenil. 2. Contos I. Almeida, Rosana Rodrigues II.Gomes, Diolena Ferreira. III. Brito, Vanus Girodo IV. Leite, Rafaella E. Batista V. Whislay Junior VI. Hadife, Arabelle, coord.

CDD: 028.5

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Maria Paixão F. Souza

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Todos os direitos desta edição reservados à Fundação Cultural de Palmas.

Sumário

- Prefácio	6
- A Montanha azul (Rosana. R. Almeida)	9
- A Floresta encantada (Whisllay Junior)	14
- Aventura em Marte (Vanius Girodo Brito)	21
- A Sombra (Rafaella Estrela Batista Leite)	30
- Os Girassóis de Bianca (Diolema Ferreira Gomes)	33

Prefácio

Desde que o homem se entende como tal, comunicar e se expressar foram necessidades e, ao mesmo tempo, formas de ele se desenvolver enquanto ser social. Várias foram as maneiras encontradas e elaboradas para esse fim: sinais, gestos, sons, desenhos, escrita, danças, etc. Mas, uma delas, faz parte do imaginário coletivo, nos toca, de uma maneira mais afetiva: a personificação do nosso pensamento em forma de palavras... ou melhor dizendo, a contação de histórias. Contar histórias ou ouvir histórias contadas por outrem nos ensina, nos dá sensação de pertencimento a um lugar e, certamente, dá um novo sentido à nossa própria existência.

Quem não se transporta, imediatamente, para uma memória afetiva ao imaginar alguém, sentado ao redor de uma fogueira, numa roda de amigos, contando histórias de amor ou mesmo de terror? Quem não se emociona ao lembrar de si, sentado no colo de seu vovô ou vizinha ouvindo histórias de tempos remotos ou do boi da cara preta? Ou quem não viaja no tempo e ainda consegue ouvir a voz de sua mãe ou pai contando histórias de ninar, para que seu sono chegasse logo e a noite fosse mais tranquila?

Como nos dizia o grande mestre Paulo Freire, todos nós aprendemos uns com os outros e em comunhão com o mundo, ou seja, educamo-nos mutuamente quando temos a oportunidade de olhar o mundo, levando em conta a percepção do outro.

Enquanto contamos uma história, comunicamo-nos, expressamo-nos, exercitamos a fantasia e a imaginação... fazemos cultura!

“5 Entre Mundos” é o resultado do curso de “Contação de Histórias”, do

Centro de Criatividade da Fundação Cultural de Palmas, ministrado pela professora Arabelle Hadife, no segundo semestre de 2022, em parceria com os alunos do curso de pintura ministrado pela Professora Giorgia Barreto, tendo 05 narradores/autores, que nos apresentam 05 histórias repletas de encanto, magia, afetos, lugares inimagináveis, referências regionais, seres inanimados, mitológicos, mundos longínquos, sentimentos diversos e controversos, diversidades, sonhos, realidades e muitas outras possibilidades. 5 narrativas distintas entre universos paralelos e perspectivas infinitas.

Em “A Montanha Azul”, história contada pela professora Arabelle, com texto escrito por Rosana Rodrigues Alves, nos transportamos à nossa infância, aos cheiros, sons, texturas, sabores, conselhos e carinho de nossos avós. Lembramos de nossas traquinagens e aventuras, às vezes, fantasiosas, de quando passávamos o tempo na casa desses seres cheios de ternura, que cuidavam de nós, incentivavam nossas fantasias, mas nos aconselhavam e até chamavam nossa atenção, quando necessário. Eram os verdadeiros guardiões da nossa imaginação.

“A Floresta Encantada”, de Whisllay Junior, nos apresenta a importância da família e dos laços que criamos com os nossos... o quanto é importante respeitarmos a opinião dos mais experientes que nós e que sempre precisamos estar abertos ao aprendizado. Mas, acima de tudo, nos ensina a superar, com resiliência, os obstáculos que aparecem na nossa frente e que querem nos derrubar. Levantemos sempre, busquemos alcançar voos mais altos, que nos permitam enxergar além do aqui e do agora.

A vida é cheia de mistérios, mundos distantes, lugares deslumbrantes, aventuras, dificuldades, tropeços, altos e baixos, alegrias e até sofrimentos. Vaníus Girodo Brito, em sua “Aventura em Marte”, nos ensina que, na verdade, o mais importante da vida é termos com quem compartilhar os momentos,

sorrir com quem quiser sorrir conosco, chorarmos juntos, cuidar um do outro, compreendermos o outro e respeitarmos os dizeres e saberes dos outros... ter a certeza que a vida não se vive só, na terra, no ar, no mar ou em Marte!

Já Rafaella Estrela Batista Leite, em “A Sombra”, nos desperta para aqueles caminhos tortuosos que traçamos para nós mesmos, que às vezes se tornam sombrios e que podem nos impedir de sonhar ou de dar os próximos passos... certas decisões que tomamos que nos cegam ou que nos fazem enxergar apenas aquilo que queremos ver, escutar ou interpretar. Às vezes, parece não haver mais luz no fim do túnel. Mas, a esperança precisa ser a última a morrer e uma nova luz sempre há de brilhar!

Por fim, “Os Girassóis de Bianca”, de Dioléma Ferreira Gomes, encerra a nossa viagem entre mundos, mostrando que sem sonhos, fantasias e imaginação a vida pode ser “monocromática”, sem graça e triste. Que sejamos mais inquietos, sonhadores, imaginativos, esperançosos, para que tenhamos forças de criar nossas próprias narrativas e, com elas, contribuirmos para um mundo mais feliz e colorido.

O nosso mundo se torna melhor para nós e para os outros, quando nos permitimos perceber e respeitar os mundos alheios, interagindo e compartilhando experiências, memórias, momentos, sentimentos... histórias vividas, ouvidas e contadas.

Giovanni Assis

Presidente
da Fundação Cultural de Palmas



A Montanha Azul

Era uma vez, um sítio que tinha uma portela toda pintada de vermelho, o teto da casa era feito de palha, o fogão à lenha espalhava faíscas que adoravam brincar para todo lado. O chão do quintal era cheio de pedregulhos, daqueles que fazem um barulhinho de pedrinhas rolando quando pisamos. E tinha a Avó, uma mulher de voz forte e corajosa que, ao mesmo tempo que era zangada, também era amorosa.

A Neta que havia ido passar as férias na casa da Avó era pretinha, tinha olhos de jabuticaba, era curiosa, sapeca, conversadeira, sonhadora e delicada. Tinha também um vestido vermelho rodado e um cantinho que amava no sítio, ela subia na mangueira e de lá olhava o horizonte, de onde via aquela magnífica montanha azul. E sempre dizia para si mesma “um dia ainda vou conhecer aquela montanha azul”.

Quando a tarde chegou naquele dia, a menina começou a caminhar, caminhou pulando através do capim dourado, aquele que fazia “trec” quando quebrava e coçava a pele, caminhou sob o sol gostoso que aquecia o rosto, caminhou passando por um pequeno riacho, ali a água fria escorria pelas pedras fazendo um barulhinho suave, onde ela colocou a mão para sentir o frescor.

Ela caminhava, caminhava, mas não chegava nunca na montanha azul. A menina percebeu que estava anoitecendo e que ela precisava ir rápido, mas de repente, ela tropeçou no tronco de uma árvore, caiu e se deparou com seu pé machucado. Ela ouviu o barulho do vento batendo nas folhas das árvores, ao longe, escutou um som



"A Neta que havia ido passar as férias na casa da Avó era prelinha, tinha olhos de jabuticaba, era curiosa, sapeca, conversadeira, sonhadora e delicada."

de tambor, resolveu segui-lo, o rastro dos vagalumes foi iluminando o seu caminho. E foi aí que ela viu surgir uma comunidade de formigas que a chamaram para entrar na caverna onde moravam.

Dentro da caverna não era possível acreditar no que os olhos dela estavam a ver, eram minúsculos monstros brilhantes, eram seres que tinham olhos de jabuticaba iguais aos dela, mãos e unhas tão grandes que pareciam arrastar no chão e o mais esquisito é que eles eram todos azuis, aliás todos os animais eram azuis!

A menina se perguntou: “Porque será que eles são azuis?” Começou a olhar em volta e observou que a caverna também era azul. Alguns monstros tocavam tambor fazendo surgir assim um som agitado e ritmado. De repente, surgiu uma monstria que tinha um cabelo grande, liso e azul.

Ela disse “olá” para a menina e falou: “Menininha, vi que você caminhou muito para encontrar a montanha azul. Pois bem, agora você está dentro da montanha azul, nosso paraíso!”

Os olhos da Netinha brilharam e ela perguntou: “Porque tudo aqui é azul? Porque a montanha se chama Montanha Azul?”

A Monstria respondeu: “Nós somos os guardiões da imaginação. Você menininha, chegou até aqui por que seu coração cria mundos imaginativos muito bonitos na sua cabeça o tempo todo.” Ela pegou na mão da garota e disse: “Mesmo quando você for adulta, preencha sempre seu coração



Nós somos os guardiões da imaginação. Você, menininha, chegou até aqui por que seu coração cria mundos imaginativos muito bonitos, na sua cabeça, o tempo

Nós somos os guardiões da imaginação. Você, menininha, chegou até aqui por que seu coração cria mundos imaginativos muito bonitos, na sua cabeça, o tempo

de imaginação e deixe o mundo mais feliz, essa será sua forma de buscar a felicidade! Mas agora você precisa ir.” A garota saiu da caverna e andou um pouco pelo caminho dos vagalumes, lá haviam macacos gritando e cobras rastejando. Não demorou muito, encontrou o homem que cuidava do jardim e ele a levou para casa.

Quando a Avó a viu, a abraçou muito e depois ralhou um tiquinho com ela, mas nada tão sério. A Neta correu para seu quarto, deitou na sua cama e se pôs a olhar o céu. Agora já se sentia pronta para imaginar novos mundos.

A Floresta Encantada

Era uma vez, há muito tempo atrás, o longínquo e árido reino de Salir, lá havia uma enorme floresta e nela uma mata fechada e alta. Poucos tinham coragem de se aproximar de lá, por que estava além da fronteira do reino, também por causa das muitas coisas estranhas que nela habitavam e outras doenças incuráveis, mas principalmente por que todos os que nela entravam, se não morriam, se perdiam para nunca mais voltar. Dos poucos que retornaram existem algumas lendas nas quais também poucos acreditam.

Aconteceu que, certa vez, o poço de uma família que morava em Salir, misteriosamente secou. O pai pediu a Húlla, seu filho mais velho, que fosse buscar água do poço de uma vila que ficava há poucos dias de viagem. Vendo a dificuldade da tarefa, Húlla pediu ao pai que Sátcha, seu irmão mais novo, o acompanhasse, ao que o pai consentiu. No mesmo dia, Húlla se preparou para a viagem e foi chamar seu irmão, que por sua vez, vendo a dificuldade da tarefa, tentou dissuadi-lo de não ir. Húlla o censurou, lembrando-o de que o mesmo tinha que obedecer às ordens do pai. Sátcha sentiu arder por dentro, mas acatou.

Os dois irmãos partiram, Húlla vigorosamente à frente e Sátcha vagorosamente atrás.

Quando chegaram numa determinada parte da estrada em que o caminho se dividia, Sátcha pediu para descansarem sob a sombra de uma árvore que estava na beira da floresta. Húlla estava com pressa,



Era uma vez, há muito tempo atrás, o longínquo e árido reino de Salir, lá havia uma enorme floresta e nela uma mata fechada e alta.

mas cedeu. Então, sentaram-se um de frente para o outro: Húlla de costas para a floresta, Sátcha de frente. Percebendo o interesse do irmão mais novo, Húlla o censurou severamente. Sátcha ardeu por dentro, mas acatou. Depois de terem descansado, os irmãos se prepararam para partir.

- Iremos por aquele caminho. - disse Húlla.

- Mas por este caminho é mais curto e não aguento mais caminhar neste calor insuportável! - respondeu Sátcha.

- Este caminho é muito perigoso e já decidi que vamos por aquele! retrucou Húlla.

Relutante e ardendo por dentro, Sátcha acatou a decisão. Durante o percurso, muitas vezes não conseguia controlar seus olhos e olhar para a floresta. Húlla, ao ver isso, o beliscava, foi aí que o irmão começou a se afastar dele e se aproximar cada vez mais da floresta. Húlla o chamava para ficar mais perto, mas Sátcha o ignorava e cada vez mais caminhava só. Entardecia e Sátcha, de súbito, ouviu um canto que lhe soou estranho, vinha de cima das altas árvores, na sequência viu um vulto azulado que fazia acrobacias fantásticas no ar. Seguiu fixamente o vulto, que agora tomava formas semelhantes a um grande pássaro, era belíssimo e encantador, mas logo em seguida sumiu na copa das árvores. De pronto, Sátcha se viu dentro da floresta.

Ao se ver dentro da floresta, lembrou-se de que estava indo buscar água junto com seu irmão. Considerou então voltar, mas vendo-o ao longe pensou: "posso esperar um pouco e ir depois, posso aproveitar pelo menos esta parte da floresta um pouco, e quando ficar satisfeito é só seguir

por aquele caminho por onde passei, e assim alcançarei meu irmão". Ao olhar para o chão, seus olhos se fixaram em algumas flores, ele começou a caminhar na direção delas, e à medida que ia se aproximando, suas belas cores ficavam mais vívidas e suas exuberantes formas se multiplicavam como línguas de fogo em espiral. Uma enorme vontade se apoderou das suas mãos de as tocar e uma onda de calor o fez estremecer assim que seus dedos as tocaram.

De repente, viu que seus dedos pareciam estar queimados. Agora, ele só pensava em sair daquele lugar, mas logo se deu conta de que estava perdido e já não encontrava o caminho de volta. Parecia que a cada passo que dava, mais caminhos possíveis e semelhantes se abriam e também tinha a sensação de que era cada vez mais difícil caminhar, pois a vegetação parecia cada vez mais densa e a atmosfera cada vez mais sufocante.

Buscando alívio, seus olhos e mãos se voltaram em direção das flores, as quais, agora, pareciam mais sombrias e grudadas. Sá-tcha ignorou isso até perceber que agora se movia com dificuldade, caminhava se arrastando e errante. Começava a chover e a escuridão era tanta que ele quase não conseguia enxergar, a não ser nos brevíssimos instantes quando relampejava. Estes lampejos o deixavam com a impressão de que via suas próprias pegadas à frente. Prostrou-se no chão ao pensar ser impossível sair dali.

Agora a chuva engrossava. Do chão ergueu os olhos rumo à luz do luar, em meio às copas das árvores. Ele fica perplexo ao escutar um canto que lhe soa familiar, em seguida vê, em meio à névoa da chu-



em seguida sumiu na copa das árvores.

"Seguiu fixamente o vulto, que agora tomava formas semelhantes a um grande pássaro, era bellissimo e encantador, mas logo

va, aquele ser alado pousar na sua frente, fica ainda mais perplexo quando vê um vulto, como de uma mulher montada nele. Sátcha sente que ela o vê como se pela clara luz do dia. Ela faz um gesto apontando para o alto, ele não entende, mas se anima.

Sátcha se levanta, mas ao dar o primeiro passo, seus olhos perdem de vista aquela cena que o animou. Num frenesi desesperado ele os procura por todo lugar, vê flores, vê os caminhos percorridos, mas não vê o que procura, e numa última tentativa desesperada ele olha pra cima. Lá ele vê que, entre as copas das árvores, o luar brilhava com mais intensidade numa árvore que lhe pareceu muitíssimo alta. Agora ele percebe que está diante da maior árvore que já viu, a mítica Altárvore, a maior árvore do mundo. Ele continua olhando para o alto e vê vultos voando ao redor de Altárvore.

Ansiosamente, ele começa a escalar o imenso tronco escorregadio, cai diversas vezes, o desânimo novamente se apodera dele, seus pés voltam a caminhar no chão e seus olhos se voltam em busca das flores. Muito tempo depois a ânsia por subir e o cansaço do chão da floresta eram tão grandes que ele ardia com uma energia, que não conseguia reprimir, então, novamente ele tenta escalar a Sagrada Árvore.

Com esforço, ele alcança uma elevada altura, mas sua mão gravemente queimada, não consegue se apoiar num ramo que está escorregadio. Ele cai. Cai uma grande queda enquanto várias partes do seu corpo ficam feridas pelos elevados ramos de Altárvore e de outras árvores por perto. Mas antes do instante fatal ele escuta um canto e sente as garras do grande pássaro, que o leva ao topo da Altárvore.

Ao chegar lá em cima, ele se alegra ao ver gentes montadas em pássaros voando em torno de Altárvore. Porém, logo percebe que tem dificuldade de se manter equilibrado em meio à forte tempestade. Depois de quase cair algumas vezes, percebe que ao aquietar os pés e fechar os olhos o equilíbrio acontece espontaneamente.

Agora, lá do topo da mais alta árvore, na hora mais escura da noite, ele, com os olhos fechados, sente vontade de cantar, seu canto é respondido por um canto familiar, ele imita esta voz, a voz responde novamente, e, finalmente as duas se somam numa bela e alegre harmonia. Assim, com um gesto, ele acaricia e monta no grande pássaro. Eles alçam voo e fazem algumas acrobacias girando ao redor da Altárvore, e, em seguida, Sátcha abre os olhos e vê a luz da alvorada, e assim volta pra casa.



Aventura em Marte

Era uma vez, em uma galáxia muito, muito, muito ... conhecida por nós, a Via Láctea, um pálido ponto... Vermelho!

Você achou que eu iria dizer “um pálido ponto azul”, citando Carl Sagan, né?

Bem... Estamos em Marte e eu sou o Marvim, o turista espacial.

Aqui em Marte tudo é vermelho ou tem tons avermelhados. Há grandes montanhas, muitos vales, diversos rios e mares... secos. Até os ventos tem seu tom avermelhado de tanta poeira. Só mesmo aqui para ter tantos tons de vermelho.

Hoje, em nosso passeio vamos subir o Monte Olimpo, o maior vulcão do sistema solar. Vocês sabiam que ele tem 27 quilômetros de altura? Para vocês terem uma ideia, ele é mais de 3 vezes maior que o monte Everest e 3 vezes maior que a “Roda Gigante do parque da Rafa”.

“O que??? Vocês não conhecem a “roda gigante da Rafa”? Definitivamente vocês não sabem o que é diversão. Ela é incrível. Em outra história vamos falar dela.”

Nosso guia de hoje será o ART 13.296.042. Vou chamar meu amigo marciano apenas de Art. Ele me explicou que este número enorme faz parte do nome dele, e que são tantos Art's aqui em

Marte, que tiveram que numerá-los, quase da mesma forma que estão fazendo com os Enzo's, aí no Brasil. Art é um marciano verdinho, baixinho, com uma cabeça enorme, é enorme mesmo, grande, gigaaaaante. Para vocês terem ideia o corpinho dele é metade do tamanho da cabeça. Ao andar, com aquele jeitinho marrento dele, você acha que ele vai desequilibrar e rolar, pois a cabeça dele é uma bola enorme. Os olhos de todos os marcianos são grandes bolas pretas. E ele usa uma arma de prótons na cintura.

- O que foi dessa vez? Vocês não acreditam que marcianos existem? É claro que existem. É que eles gostam de ficar no subsolo e com a crise monetária intergaláctica eles resolveram fazer uma graninha com o turismo espacial.

Art está nos chamando para iniciarmos nosso passeio. Ele se comunica conosco pelo intercomunicador universal que traduz tudo que ele fala imediatamente para qualquer idioma da galáxia.

Depois de todos sentados em seus lugares, no trenzinho, Art passou as instruções de emergência:

- Atenção, senhores passageiros: mantenham seus cintos de segurança afivelados durante todo o percurso mesmo quando os avisos luminosos estiverem apagados. Mantenham sua mesinha fechada e travada durante todo o trajeto. É proibido fumar no interior deste veículo. Os banheiros possuem detectores de fumaça. Em caso de depressurização, máscaras com oxigênio cairão automaticamente sobre suas cabeças. Ah nem... até hoje não atualizaram este texto!!!

De que adianta isso tudo? Se acontecer algo vocês vão morrer mesmo. Ops... ignorem isso.

Art calou-se, envergonhado. O ensurdecedor silêncio do planeta vermelho só era quebrado, quando os uivantes ventos marcianos passavam por nós, ou quando alguns pequenos redemoinhos passavam por perto, de um lado para o outro, como se estivessem brincando de pega-pega. Posso jurar que vi um Saci-Pererê, rapidamente, descansando. Será que eles estão em Marte agora? Isso explicaria por que eles não são vistos mais na Terra.

Art interrompe meus pensamentos ao anunciar que à direita conseguimos ver a “roda gigante da Rafa”. Gente, ela é incrivelmente grande, deslumbrante, maravilhosamente colorida, com pisca-pisca e tudo mais. Como dizíamos lá em Minas Gerais, “ela é a roda gigante mais maior de grande que eu já vi”.

Minutos mais tarde, Art nos diz que estamos chegando ao topo do monte Olimpo. Ao chegar, ficamos deslumbrados com a paisagem. Por ser tão alto, conseguimos ver diversas montanhas, vales, rios, mares, oceanos, planícies e até mesmo a curvatura do planeta, pois, acreditem, além da Terra, Marte também é um planeta redondo.

Agora, o Sol começa a sumir no horizonte, e noto algo muito legal. Vivemos em um planeta azul que tem um pôr do sol vermelho, e aqui em Marte, estamos em um planeta vermelho que tem um pôr do sol azul. Eis um grande e belo paradoxo galáctico. Neste momento, com lágrimas nos olhos após este belo espetáculo

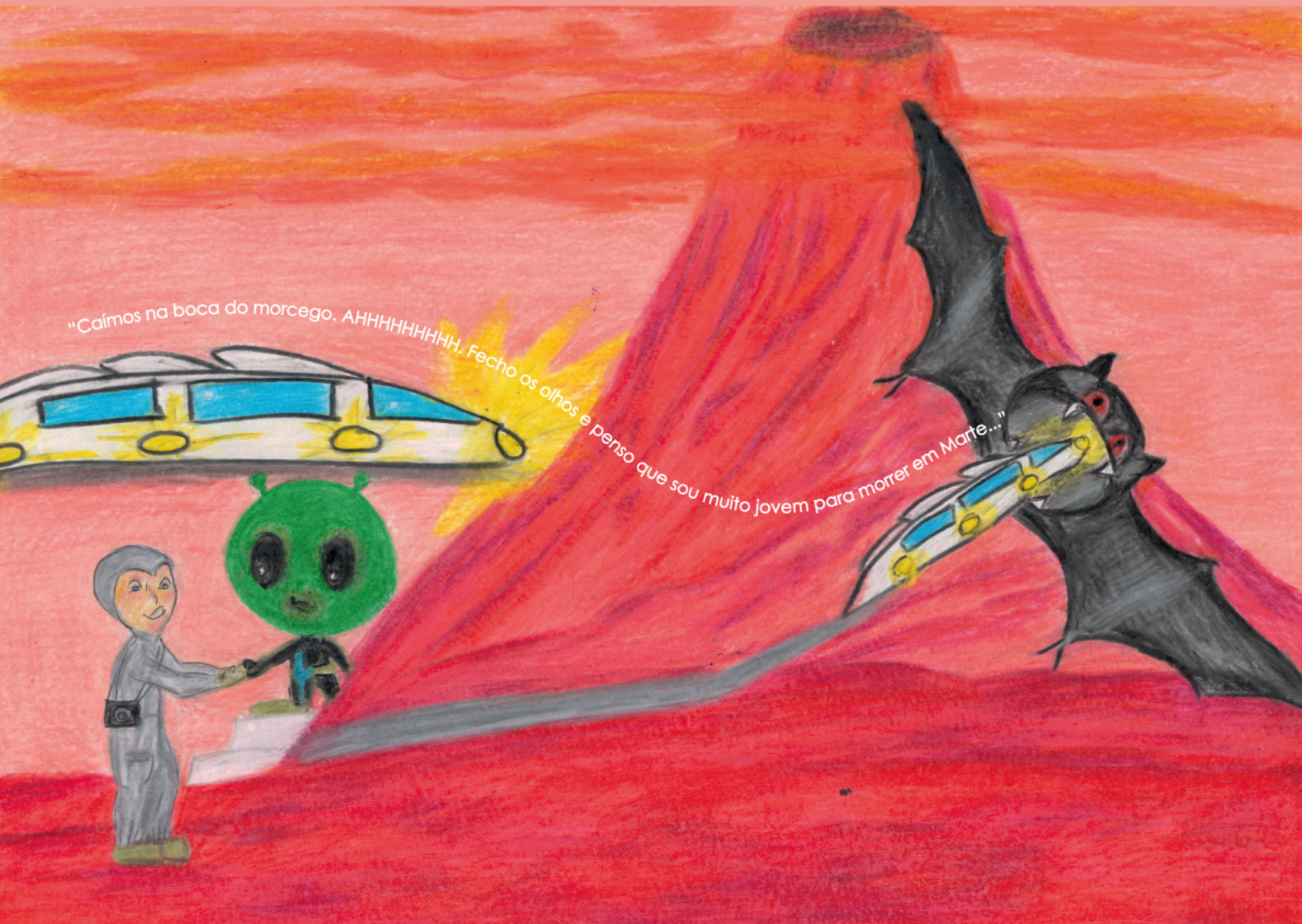
celeste, olho para Art e ele solta um “Grrrrriiiiiirrrrrrrruuuuuuuuaaaaa-aaahhhhhhhhh” tão grande que juro que nem precisou do tradutor universal para entender. Tenho certeza de que aquela expressão de pavor e medo seria compreendida em qualquer idioma do universo.

Com a voz tremula, Art ordenou que entrássemos no veículo o mais rápido possível, mas com calma, e que colocássemos o cinto de segurança super apertado, pois uma enorme tempestade de areia estava chegando. Ao ouvir as palavras “tempestade de areia” e ao ver aquela enorme massa vermelha disfarçada de nuvem engolindo o parque da Rafa, pensei: “Houston...we’ve had a problem here”. Mal terminei de pensar e já senti o solavanco do trem chegando a uns 200Km/h em 1 segundo. E em alguns segundos, 5 ou 10 segundos depois, nosso veículo entrou para dentro da montanha numa espécie de túnel e ficou tudo escuro antes da nuvem de poeira nos alcançar.

- Art, o que está acontecendo? Onde estamos?

- Na montanha, dentro dela. E vamos para o núcleo, atravessar o planeta. Não gosto quando passamos por aqui. Tenho medo. Olhe pelas janelas. Art acendeu as luzes externas.

Ao olhar pelas janelas, vimos uma espécie de dinossauro marciano. Nosso veículo passou por toda a sua extensão desde o enorme rabo até a sua pequena cabeça. Ouço Art dizer algo como: “segurem-se”, quando de repente... o veículo começa a descer assustadoramente pela coluna do dinossauro, depois seguiu os braços longos do dino, girando em seu eixo, como numa insana montanha russa. Meu estomago ficou para trás e não sei se ele nos alcançou naquela descida.



"Caímos na boca do morcego. AHHHHHHHHH. Fecho os olhos e penso que sou muito jovem para morrer em Marte..."

O veículo reduz a velocidade e começa a subir, sobe, sobe mais, mais e mais. Não consigo ver os trilhos e tenho um pressentimento, algo como o meu “sensor aranha” apitando dizendo que, “algo errado não está certo”, está por vir.

Tenho a sensação de que o veículo parou e antes da sensação de alívio chegar (ou será o meu estomago que chegou?) o veículo começa a descer loucamente. Sinto minhas bochechas indo para trás, meu peso aumentando, a visão embasando como se eu fosse desmaiar, quando vejo um enorme morcego com a boca enorme lá na frente. A velocidade do trem aumenta, o morcego cada vez mais perto, quando de repente... O morcego abre a sua boca e... estamos flutuando, pois os trilhos acabaram e... AAAHHHHHHHHHH. Caímos na boca do morcego. AHHHHHHHHH. Fecho os olhos e penso que sou muito jovem para morrer em Marte...

Ao abrir os olhos, tudo está escuro. O silêncio toma conta do lugar. Será que morri? O que aconteceu? Onde estou? Será que aqui tem internet?

As luzes do veículo se acendem, vejo os outros turistas e, do nada, toda esta tranquilidade vai embora e sentimos o veículo cair nos trilhos novamente, tremendo, fazendo o barulho das rodas sobre os trilhos. Apavorados, Art explica que acabamos de atravessar o núcleo do planeta com este salto e nos pergunta se trouxemos roupa de banho por que... Tchibummmmm. Nem deu tempo de terminar a frase, e nosso veículo entrou em um



"Nem deu tempo de terminar a frase, e nosso veículo entrou em um rio subterrâneo. Vemos peixes para todos os lados parecidos com golfinhos, baleias, babel fishes e outros."

rio subterrâneo. Vemos peixes para todos os lados parecidos com golfinhos, baleias, babel fishes e outros.

Art disse algo que foi traduzido como “glub, glub, glub”. Não entendi nada e nosso veículo começou a subir. A água foi ficando para trás. Saímos daquele monte de água, e Art diz “preparar para lançamento e impacto”.

Nosso veículo aumenta a velocidade, ficamos cada vez mais inclinados e tudo fica escuro e mal, mal consigo perguntar “Como assim? O que está acontecendooooooooooooooooooooo?”. Neste momento o veículo sai do buraco como uma bala, ou melhor, como um foguete. Estamos voando, subindo...

Aos poucos, sinto a velocidade diminuindo, diminuindo, o estômago ficando leve, e tenho a sensação de que tudo está flutuando. Lembro, não sei por que, que tudo que sobe, DESCE. E para o meu azar, ou não, sinto que começamos a descer. Corrigindo: a cair, a despen-car mesmo.

“AAAAAAHhhhhhhh, estamos caindoooooooooooooo. Aaaaaaaaaa-ahhhhhhhhhh”

Sinto um enorme frio na barriga e, de repente, vejo um enorme paraquedas se abrindo para nos salvar da enorme pancada no chão. Pousamos (ou será que batemos?). As escotilhas de emergência foram acionadas, descemos e Art começa a chorar. Pergunto a ele o que houve, imaginando que ele estava tris-

te por ter vivido aquela experiência incrivelmente assustadora, insana e mortalmente divertida e ele me responde: “Caiu um grãozinho de areia nos meus olhinhos e está doendo”.

“O queeee? Não acredito!!! Nós quase morremos ao atravessar o planeta e você vem me falar de um grãozinho de areia nos olhos? E olhinhos? Em que planeta estes olhos enormes, maior do que o da vovozinha da Chapeuzinho Vermelho, são olhinhos?”

Ao olhar para Art e ver aqueles grandes olhos negros chorando, me compadeço, me vejo como uma criança refletido nos olhos dele e me lembro da minha mãe soprando meus olhos quando um cisco caía neles. Chego mais perto de Art, encho os pulmões de ar e sopro com vontade e... Aaaaaaa... Uuuuhhhhhh

“Ai que burro, dá zero pra ele professor Girafales”... Como estou de capacete, ele se embaçou todo. Após o capacete se auto limpar, olho pra Art, que me vê sem entender nada, e consigo enxergar o grão de areia em seus olhos.

Com cuidado, passo a ponta do meu dedo em seu olho e removo o grão de areia. Art pisca seus olhos e abre um enorme sorriso. Que sorriso lindo, tão lindo que valeu mais do que todas as belezas e aventuras do passeio por Marte.

E, com Art tentando me abraçar com seus pequeninos braços, terminamos nossa aventura.

A Sombra

Era uma vez, um parque de diversões de outro mundo, ele era inteiriinho cercado por um muro branco baixo, de um jeito que quem estivesse do lado de fora pudesse ver, espiar tudo que acontecia lá dentro. O caminho de tijolinhos cor âmbar leva até a entrada do parque, logo ali está um carrossel que sobe e desce, apesar de não ter ninguém dentro dele. O cheiro de algodão doce e de pipoca feitos na hora domina todo o ambiente, se propagando pelos fortes ventos da primavera do planeta vermelho, fazendo salivar quem ali estivesse presente.

Ouvem-se gritos e risadas de crianças brincando pelo parque. Ela também quer brincar, mas não as vê, apenas ouve o som de seus sapatos batendo contra o chão. Ela decide correr para alcançá-las, procura as crianças em todos os cantos do parque, sente suas pernas endurecerem e sua respiração oscilar, resolve parar até recuperar o fôlego. Ela estava decidida a encontrar aquelas crianças, sentia uma vontade enorme em seu peito de brincar. Ela só queria brincar, era tudo que ela sempre quis.

Pensa em continuar a caçada, pensava que dessa vez estavam ao seu alcance. De relance, vê alguém logo atrás dela, mas ao invés de alegria, agora, Ela sente o medo, só não sabe ainda do quê. Sabe que o que vem aí, o que quer que seja, não combina com o cheiro de algodão doce e as risadas das crianças num parque de diversão.

Ela corre, mas deseja ter asas, pois sabe que essa é a única chance de escapar do que está logo ali atrás dela. Enquanto corre, se lembra da época em que tinha suas longas e belas asas, as mesmas que a levaram para aquele planeta, porém, lembrou tam-



"De repente, quando já estava no ápice de seus suspiros, os gritos e as risadas das crianças voltaram aos seus ouvidos."

bém que Ela mesma as cortou, pois queria ver o que todos viam.

Seus sapatos começam a machucar o seu pé, olha para traz, ainda está lá, quase a alcançá-la, Ela não pode parar, tem que correr mais rápido, sua vida depende dessa corrida e Ela tem uma vontade insana de viver.

Percorreu o planeta inteiro, passou por tudo e todos, sem sequer notá-los, tentou despistá-lo, no entanto, cada vez que Ela pensava ter conseguido, ele estava mais perto.

Sentiu algo a puxando, lutou para que pudesse escapar, mas a força era tanta que a fez parar. Fechou os olhos, pois não queria ver, tudo estava escuro, Ela preferia assim. Havia fracassado, não correu o bastante. Convencida de que finais felizes não existiam, desejava que tudo acabasse ali, sem que Ela pudesse ver nada, já tinha visto o bastante, pelo menos, pensava que já.

De repente, quando já estava no ápice de seus suspiros, os gritos e as risadas das crianças voltaram aos seus ouvidos. Ela abre os olhos como se estivesse acordando e vê, finalmente, a beleza do mundo.



Os Girassóis de Bianca

Houve um tempo em que as pessoas só eram felizes em seus sonhos, mas nem todas conseguiam sonhar, era preciso muita imaginação, e essa era uma habilidade muito invejada.

Habitavam naquele frio e longínquo país algumas pobres e infelizes famílias, esquecidas por Deus e pelos homens, que importância elas tinham para o mundo? Se o mundo nem sabia que elas existiam. Diziam que elas tinham brotado do lodo daquela terra fétida e árida, outros que foram esquecidos pelo grande guardião, que corrompido pelo metal dourado havia esquecido sua gente, deixando-os entregues à própria sorte.

Alguns anciãos passavam o dia com os olhos deitados no horizonte cinza e infinito, numa espreita diária que alimentava a crença do retorno do guardião. Essa tarefa inglória e infinda era o que mantinha aquele povo esquecido e opaco vivo. Ninguém sabia como ele era, desconfiava-se que nem aqueles que falavam da sua existência sabiam, mas se isso significava mais um dia tolerado, então dava-se de ombros e continuava-se naquele chafurdar de existência desenxabida.

Entre as famílias que ali viviam, tinha a de Bianca, menina inquieta, magrinha, caneluda e muito imaginativa, sua irmã Bella, que de bela só tinha o nome, pois vivia mal humorada e triste, e não tinha nenhuma imaginação, então só o que via era aquele lugar e aquelas pessoas de uma cor só, cinza. Era tão desprovida de imaginação que nunca imaginara que o mundo poderia ter outras cores. Sua mãe Mel, cuja doçura do nome encontrava-se no fundo dos seus olhos, mas só se olhasse de perto, coisa que ela não permitia, pois tinha medo de acharem que ela tinha esperança nos olhos, seus

olhos eram verdes, e seu pai, Zyan, homem vincado pela decepção do viver, seu único orgulho era o significado do seu nome que alguém dissera-lhe ser “terra prometida, belo e gracioso”. Às vezes, pensava como seria ser esse Zyan, mas se punia secretamente, não podia se dar esses luxos, então só repetia, sem nenhuma imagem, que era uma terra prometida, belo e gracioso.

Todos andavam em passos lentos e falavam pouco, e quando falavam era por meio de gestos, estiramento dos beijos, grunhidos e algumas poucas sílabas. Eram pobres não só de alimentos, mas também de palavras.

Aquela gente feia e andrajosa se reunia duas vezes ao dia, uma antes do alvorecer, quando acordavam e jogavam seus dejetos no turnos nas valas, que serpenteavam as vielas das casas, e saíam correndo quando o Muriçoca apontava na poeira, tão lotado que parecia menino grande com barriga d’água. E naquele atascar de gente, o muriçoca ia despejando seus regalos recebidos por sôfregas mãos. Passado o rebuliço. Tudo retornava ao marasmo de sempre.

O segundo momento em que se reuniam era às 18 horas, horário santo, diziam os anciãos, hora de milagres em algum lugar perdido. Um mais velho, cuja única certeza que habitava seu corpo puído era a morte, recitava uma oração-poesia que ninguém, além da menina inquieta dava-lhe atenção, e de tanto escutar já decorara alguns versos e repetia com o velho.

No céu, também, há uma hora melancólica
Hora difícil em que a dúvida penetra as almas
Por que fiz o mundo?
Deus se pergunta e se responde: “Não sei”

Os anjos olham-no com reprovação e plumas caem
Todas as hipóteses

A graça, a eternidade, o amor, caem
São Plumas
Outra pluma, o céu se desfaz
Tão manso, nenhum fragor denuncia
O momento entre tudo e nada
Ou seja, a tristeza de Deus” (Carlos Drummond de Andrade – Tristeza no céu)¹

Era inútil a menina perguntar o significado daquelas palavras, mas achava bonito e criava formas e cores para elas, a menina tinha a habilidade da imaginação, inclinação que frequentemente lhe trazia reprimendas ou mesmo apelido de aluada. Sabia o que era viver no mundo da lua, mas mal via a lua, aquele céu não tinha estrelas e muito menos lua. Mas isso só espichava mais sua imaginação e curiosidade.

Mas naquele dia, algo aconteceu, depois de escutar e repetir o poema-oração do velho puído, ela avistou, no horário certo, o Boca de Bragre, e antes que seu pai a tangesse de encontro àquele monstro de lata, ela saiu em disparada, Bianca tinha vantagem, as pernas eram longas e ligeiras, e a única coisa que avistou foi um saco de costa amarelo, com um sorriso maroto. Ela pegou e como se roubasse algo, analisou ao redor verificando se mais alguém tinha visto. Então esqueceu-se do resto, e aproveitando que a patuleia estava se fartando, saiu de fininho com seu pequeno e risonho tesouro, mal pode festejar a alegria de ter algo colorido, risonho e fechado! Sim, fechado! Sua imaginação ia a mil, quando foi interrompida por Bella, que naquele dia parecia mais feia e raivosa, pois nada lhe restara no Boca de Bragre, chegara tarde, e resolveu surrupiar o pequeno espólio da irmã.

¹ANDRADE, Carlos Drummond de. Tristeza no céu. In: **Antologia poética** (organizada pelo autor). _ 61. ed. _ Rio de Janeiro: Record, 2008. p.275.

Prostrada de joelhos no chão, Bianca tinha sido “atropelada” pela inveja e ganância da irmã, que se apossou do saco, deixando Bianca aos prantos. Olhou para o céu e murmurou:

No céu, também, há uma hora melancólica
Hora difícil em que a dúvida penetra as almas
Por que fiz o mundo?
Deus se pergunta e se responde: “Não sei”
[...]
A graça, a eternidade, o amor, caem
São plumas” (Carlos Drummond de Andrade – Tristeza no céu)

Naquele desamparo, olhando para o céu, viu os olhos da sua mãe, o profundo verde que irradiava mel e esperança, ela não sabia em quê, mas via esperança, e pela primeira vez, sua mãe não desviou o olhar e permitiu que Bianca se inebriasse naquela paz e sentiu plumas, graça, amor e eternidade.

- Tome sua mochila! Ela é sua!

Bianca piscou, e aquele maravilhoso momento foi junto, mas estava com a mochila e isso era outro milagre das 18 horas, o primeiro foi os olhos da mãe.

Levantou-se, e escondida entre os escombros de um velho muro, abriu a mochila e achou um livro.

Um livro! Mas não tem palavras escritas! Mas tem capa de livro! Bianca examinou, girou, folheou e nesse folhear começou a imaginar que ali naquelas folhas em branco, poderia criar um mundo só dela, um mundo de cores, cheiros e pessoas felizes, seu pai poderia ser Zyan, senhor absoluto

da terra prometida, garboso e gracioso. Sua mãe não teria mais vergonha de sonhar, porque ao redor as pessoas também seriam felizes e esperançosas, sua irmã seria gentil, pois não precisaria disputar mais nada com ninguém, teria o que lhe é de direito, amor, cuidados, atenção, lazer e uma bela casa para morar, e os anciãos poderiam passar os dias bebericando as manhãs ensolaradas até esquecerem do guardião, pois seriam seus próprios guardiões. Poderia plantar girassóis, lembrou-se de uma poesia-oração que o ancião havia murmurado para ela:

Fica decretado que, a partir deste instante,
haverá girassóis em todas as janelas,
que os girassóis terão direito
a abrir-se dentro da sombra;
e que as janelas devem permanecer, o dia inteiro,
abertas para o verde onde cresce a esperança.
(Thiago de Mello – Os estatutos do homem)²

Ela sempre repetira esses versos, mas agora estava sorvendo-os, e eles acariciavam seu corpo e seus olhos arregalavam mergulhados naquelas imagens fascinantes.


Colocou a mochila nas costas, e resoluta começou a tecer sua própria história. Chegou num vale muito verde e montanhoso, pequenas pedras de metal dourado faiscante compunham o topo daquela, que parecia ser a mais alta das montanhas, e ficou em contemplação, mas seus olhos teimavam olhar ao redor, e o que via era uma montanha rancorosa que parecia lhe dizer: “O que você faz aqui? Você não pertence a esse mundo! Volte pro lixo! E tudo que ela queria era deitar os olhos cansados num céu pleno de paz, mas aquela montanha lhe reemetia ao mundo cinza e fétido.

²MELLO, Thiago de. Os estatutos do homem (Ato Institucional Permanente), ARTIGO III. In: **Faz escuro mas eu canto**. _ 1. ed. digital. São Paulo: Global, 2017. p. 12.



"Fica decretado que, a partir deste instante, haverá girassóis em todas as janelas, que os girassóis terão direito a abrir-se dentro da sombra; e que as janelas devem permanecer abertas para o verde onde cresce a esperança."

"Fica decretado que, a partir deste instante, haverá girassóis em todas as janelas, que os girassóis terão direito a abrir-se dentro da sombra; e que as janelas devem permanecer abertas para o verde onde cresce a esperança."



Magnetizada pelo rancor daquela montanha, ela resiste e começa a subir, sobe, sobe até que chega ao topo e tocou nas pedras faiscantes, e quis tê-las para si, nunca tivera nada bonito ou precioso, e começou a colocá-las na mochila, enquanto fazia isso seu livro, desenhava as palavras registrando a história que Bianca estava construindo. Com a mochila cheia de pedrinhas começou a descer, evitando olhar a montanha, que agora parecia censurá-la, mas a mochila estava tão pesada para aquele corpo magro e esquálido e aquela montanha lhe pesava mais que a mochila.

Dando passos cuidadosos e trôpegos, ela se distraiu encarando a montanha. De longe os olhos verdes esperançosos de sua mãe, viram um ponto amarelo. De joelhos a mãe chorou a filha perdida. Na mochila, reluzia ouro e uma história a ser cumprida.

Bianca mudara sua história e de sua família.

“5 Entre Mundos” é resultado do curso de contação de histórias da Fundação Cultural de Palmas, ministrado pela professora Arabele Hadife em parceria com os alunos do curso de Artes Visuais do Centro de Criatividade, que produziram as ilustrações.

Fundação Cultural
de Palmas



<https://www.curtapalmas.com/>

ISBN: 978-65-85545-00-6

